

Obvio! Prendemal

Presidente nega aumento de gasto social

Neils Andres/Folha Imagem

■ FH diz que investimentos já estavam programados e descarta volta da inflação

FLAVIA SEKLES
Correspondente

WASHINGTON – Não é verdade, disse ontem o presidente Fernando Henrique Cardoso, que o governo vá abrir os cofres para aumentar os gastos nas áreas sociais com o objetivo de melhorar a sua posição nas pesquisas de opinião pública com vistas à reeleição. A notícia de que a equipe econômica vai aumentar os gastos com educação, habitação e saúde e cortar nos setores de menor visibilidade foi publicada ontem pelo **JORNAL DO BRASIL**.

“Este é um governo que tem um rumo que não vai mudando a cada semana”, afirmou o presidente, ontem, em Washington. “A área social é prioridade desde o início deste governo.”

Fernando Henrique discursa hoje na abertura da sessão especial da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre o controle das drogas. Ontem à noite jantou com o presidente americano, Bill Clinton, em Camp David.

Segundo Fernando Henrique Cardoso, é possível que gastos recentes do governo na área da habitação, para a qual o governo anunciou algumas medidas de investimento, tenham dado à alguns a impressão de “cofres abertos”.

O presidente disse, porém, que todos os gastos já estavam programados e, acima de tudo, que o governo não fará nenhum gasto inconsequente com a sua política econômica principal, que é manter o valor do Real.

“Não vamos voltar à carestia, não vamos tomar qualquer decisão que implique a volta da inflação, em qualquer hipótese”, afirmou. Fernando Henrique Cardoso disse que a volta da inflação seria o “caos no Brasil”. “Isso não vai acontecer.”

O presidente não foi, entretanto, sempre consistente em sua definição do que considera “caos.” Por mais que tenha se esforçado para não discutir questões eleitorais – “Ainda não sou candidato”, disse –, o presidente não se esquivou de di-

zer que a perspectiva de uma campanha cheia de protestos e manifestações também poderia ser um “início de caos.”

“Tem gente no Brasil que não entende o que é democracia. Pensa que ainda vivemos num regime autoritário”, afirmou. “Às vezes, as manifestações tomam um caráter de agressividade que é prejudicial a quem manifesta e não a mim.”

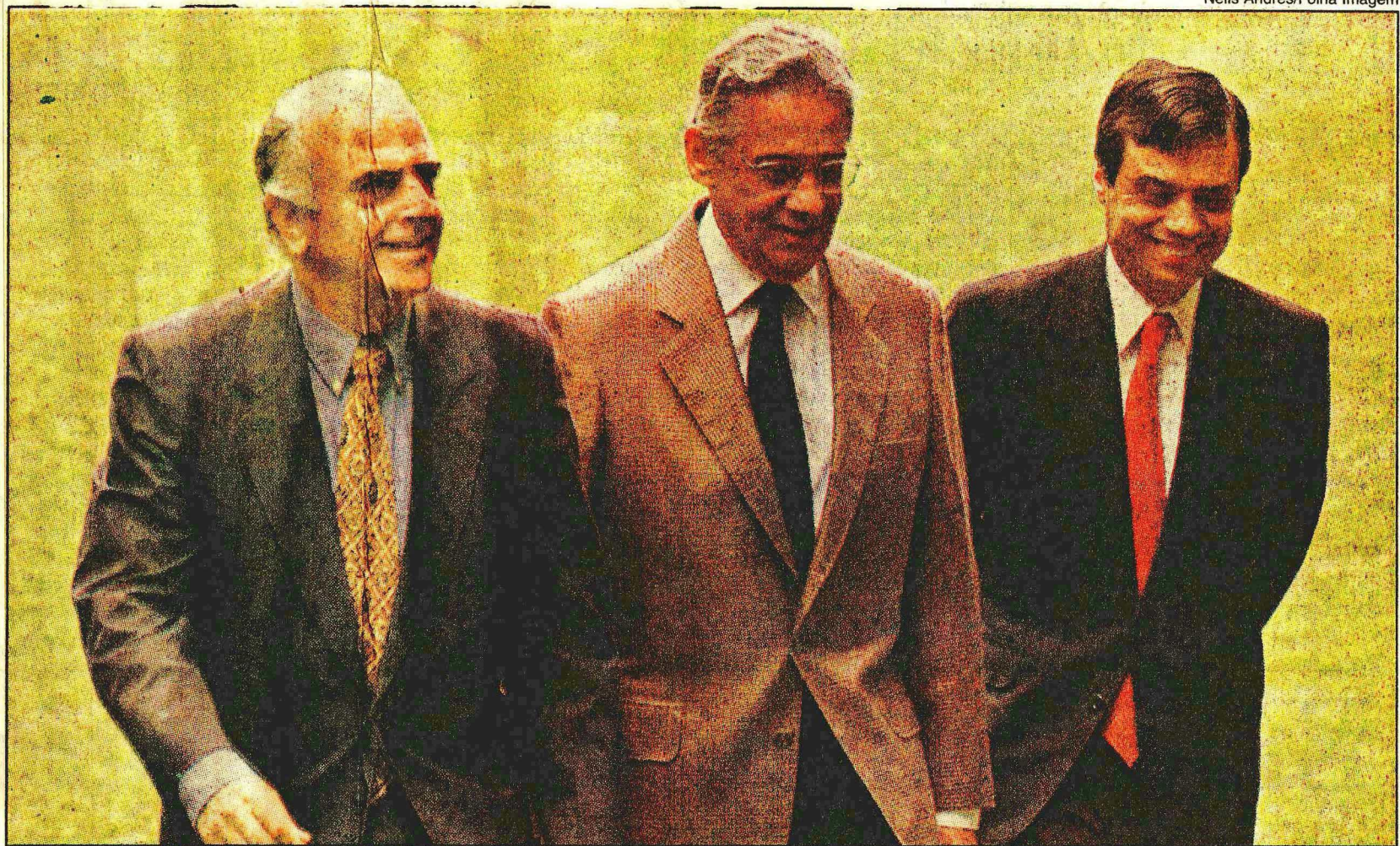
Fernando Henrique também afirmou que, na nova experiência de ter um presidente candidato à reeleição, o Brasil verá um homem que – “sem usar a máquina” – vai expor posições políticas claras.

“Nós vivemos numa democracia e não vamos ficar aterrorizados porque ficamos jogando pedras e invadindo. Isso não resolve. Estão tumultuando. Isso é o começo do caos. Esse caos o próprio país vai se livrar dele percebendo que não é esse o rumo... Só quem não é patriota é que aposta no caos.”

O presidente disse ainda que não é como candidato, mas como presidente, que ouve as reclamações dos insatisfeitos com o seu governo. Reconheceu que há setores da sociedade brasileira que se sentem prejudicados com decisões recentes do governo, especialmente a alta de juros para proteger o país durante a crise da Ásia, mas deixou claro que esta não é a sua preocupação maior.

“Para o povo é a carestia o que importa”, disse. “Para mim é mais importante que o preço do feijão e do arroz baixe.” Fernando Henrique aposta que a queda dos juros, definida por uma relação entre o governo e o mercado, continuará afetando o nível de desemprego, que voltará a cair.

“Me preocupa que há pessoas que se consideram não atendidas” disse. “O governo tem que atender ou dizer porque não atende. Mas a política de juros é consistente com os objetivos do governo. Se não tivéssemos feito isso (aumentar os juros no ano passado) estaríamos hoje como outros países sem qualquer esperança de um futuro.”



Fernando Henrique, nos jardins da embaixada brasileira, entre o ministro Paulo Renato e Murilo Portugal, representante do Brasil no Bird